

HERTZ S. POGGI

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

Estudo crítico da gênese, desenvolvimento e conseqüências da psicopatologia do medo escolar, seus reflexos na vida do aluno, família, relacionamento com os pais e colegas, formação de atitudes de reação e outros mecanismos de defesa, com suas profundas repercussões na estruturação da personalidade e nas oportunidades de ajustamento social e profissional do aluno universitário, calcado em observações, depoimentos e testes aplicados pelo autor, em seus alunos. Estudo sucinto da abordagem terapêutica psicossomática e prospecção de projeto de redução do clima de tensão nas instituições de ensino.

Abordarei neste trabalho uma síntese das minhas observações sobre o medo, entre os alunos, nas Universidades, seu surgimento, manipulação e evolução até as raias da patologia.

Além do temor natural, que pertence a toda biografia de quem já passou por uma instituição de ensino, existe um temor patológico, cuja freqüência parece estar aumentando. Bem conhecidos de todos os professores são os alunos que, por exemplo, durante um exame reagem com medo desproporcionado às tarefas propostas e em nítida discrepância com a costumeira capacidade de rendimento. Como por um mecanismo reflexo, caem num total estado de atordoamento, que não podem superar mesmo que se lhes dirijam palavras de conforto e, muito menos, com severas advertências. Desaparece neles toda a aptidão para pensar e atuar reflexivamente; a ansiedade faz com que focalizem mal o tema proposto, que o trabalhem de forma confusa e o abandonem logo, sem haverem chegado a resultados que permitam uma aprovação.

Depois de sete anos de magistério, em nível superior, ensinando Dermatologia e Farmacologia na Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco, e depois de ter acumulado observações, aplicado testes, ouvido depoimentos e analisado questionários aplicados aos alunos, observei que também na vida cotidiana da es-

cola podem observar-se reações patológicas de natureza fóbica, por exemplo, nas aulas de uma determinada disciplina ou quando se trata de certos atos de colaboração, como pedir ao professor que repita uma explicação que não foi bem entendida, ler em voz alta, ou realizar uma tarefa qualquer diante de toda a classe. Essas reações podem ocorrer também em casa, quando na hora de realizar tarefas escolares, ou acordar para ir à escola.

como o psíquico e intelectual. Entre os sintomas somáticos que chamam a atenção: atividade cardíaca acelerada, aumento da frequência respiratória, elevação tensional ou hipotensão, polassúria, diarreia, perda do apetite ou fome voraz, insônia, distúrbios da fala (gagueira), distúrbios da mímica, sensação de nó na garganta, palidez facial, oscilações do tônus muscular, tremor e distúrbios de coordenação motora, particularmente ao escrever. A sintomatologia psicomotora pode abarcar desde a agitação até a perda total de autocontrole e desde a inibição até à estupefação. A nível psíquico encontram-se, entre outras alterações, inquietação interior e tensão, sentimento de insegurança, desamparo, pavor de cometer erros e pessimismo generalizado. No caso de fatores constitucionais exacerbarem a disposição à ansiedade ou ao temor, à insegurança, à perda de confiança e à tensão interior, assim como todas as demais reações ansiosas, estas podem tornar-se independentes. Em outras palavras, a presença de uma situação ansiogênica aguda é cada vez menos necessária para desencadear a sintomatologia descrita, a qual, pouco a pouco, se converte em determinante da estrutura da personalidade: o aluno já não só reage com ansiedade patológica por motivos exteriores, como toda sua maneira de ser define-se pela ansiedade patológica.

Por esse motivo, na opinião de H. Schell "a escola como instituição de ensino. . . é de importância primordial, desde que se lhe pode atribuir o papel de instância desencadeadora de ansiedade".(4) Também P. Oestreich fala da escola como "instituição carregada de ansiedade"(3). Com efeito, é na escola que se deve buscar antes de tudo os fatores patogênicos da fobia escolar. A escola pode ser o motivo da enfermidade do aluno preso de ansiedade; ao inverso, a ansiedade é o sintoma cardeal (J. Meinhart) nos distúrbios da existência escolar do aluno (2).

Quanto mais extenso é o tema a aprender, quanto maior compreensão verbal e rigor lógico exija e quanto maior o valor atribuído a este tema, tanto mais acentuado é o perigo de reações ansiosas no aluno. Aulas muito prolongadas, ou ao contrário, demasiado curtas, a exagerada importância atribuída pelo mestre à sua própria disciplina e a inaptidão pedagógica para selecionar o material e para explicá-lo de acordo com as aptidões dos alunos, o falso orgulho de "liquidar" rapidamente a matéria e, especialmente, concluir conteúdos programáticos, sem atentar para a diversidade dos talentos dos escolares, tudo isso contribui para elevar o nível de ansiedade e comprometer o rendimento.

A pressa contínua impede o aluno de consultar pausadamente, de perguntar, de ponderar, de equivoocar-se e encontrar soluções por si mesmo, sem percorrer sempre as sendas já palmilhadas. Ao contrário, dá-se toda importância ao adestramento, à superficialidade e ao saber aparente. Deste modo, o aluno perde o gosto pela matéria, não só nas disciplinas principais, como também nas de sua livre escolha. Tudo se lhe converte em uma ciência oculta, em uma fonte da qual

emana incessantemente o temor de "não ser aprovado".

Este ambiente patológico se agrava ainda mais com a permanente "situação de exame", que domina a vida diária escolar e familiar do aluno, apesar de todas as reformas pedagógicas. Constantemente submetem-se a prova, examinam-se e qualificam-se o rendimento na escola, as tarefas orais e escritas preparadas em casa ou no ambiente escolar, a maturidade escolar, o nível dentro da classe, a aptidão para ingressar em outras instituições de formação superior, ou pós-graduação, assim como a futura capacidade profissional e para o estudo universitário. Para que o controle da eficiência seja mais perfeito, regulam-se e fracionam-se ao máximo os temas de ensino; tudo o que pode ser qualificado com uma nota tem prioridade sobre o que não se presta a uma avaliação quantitativa. Surge, assim, a urgência do sucesso, que por sua vez origina o temor do fracasso, um dos componentes básicos da fobia escolar. O ambiente escolar altera-se de modo radical: o mestre perde o afeto e a confiança ao converter-se em rigoroso examinador que administra as oportunidades para o futuro; o colega de classe já não é mais um amigo íntimo, mas um rival egoísta; o pai e a mãe transformam-se aos poucos em indivíduos preocupados, que reagem com demasiado temor ou com excessivo rigor, de forma inadequada e insegura. As classificações e qualificações em função dos primeiros lugares acabam por converter o angustiado aluno num prisioneiro de sua própria qualificação, e permanentemente ansioso e inseguro de conseguir manter a sua própria performance.

Em terceiro lugar, devo me referir à organização escolar. A centralização das escolas tende a contribuir para afrouxar o vínculo com a família e com a população do lugar de origem. A fobia escolar adquire o caráter de uma angústia de separação que se repete dia após dia, tornando-se assim imperceptivelmente crônica (e aqui está o perigo). A isso se deve somar o fato de que a centralização modificou também o tamanho das instituições escolares; há tempo que as escolas com mais de mil alunos tornaram-se comuns, nem mesmo os institutos com mais de dois mil estudantes constituem já exceções. Além disso, a solidariedade das classes dissolveu-se com a desagregação dos cursos em sistemas de créditos, e que obrigam o aluno a mudar constantemente de professores, de colegas, salas de aulas e disciplinas; o aluno perde assim muitos pontos de apoio pessoais, materiais e locais. Este isolamento, opressivo para os alunos mais jovens e sensíveis, não poucas vezes acarreta distúrbios da comunicação e da personalidade: o aluno amedrontado refugia-se, por exemplo, na agressão, chegando a formar grupos delinquentes nas escolas, ou na regressão, até negar-se a assistir às aulas, ou de uma forma mais amena chegando atrasado, saindo cedo, ou dispersando constantemente a atenção com conversas, brincadeiras ou simplesmente alheando-se, durante o horário das aulas.

A fobia escolar pode dever-se também ao comportamento dos pais. Os métodos educativos errôneos na idade pré-escolar são causa de reações patológicas da criança escolarizada, muitas das quais permanecem até a escolarização de nível superior, tanto a nível psicológico como no relacionamento humano. O medo ao professor, a certas disciplinas, às respostas erradas, às más notas e à escola em geral deve ser interpretado, então, como ansiedade induzida. Esta indução da an-

siedade pode persistir durante toda a vida escolar se os progenitores se mostram demasiado exigentes e reagem privando de seu afeto, o filho, quando este não alcança os objetivos esperados. Submetido a exigências excessivas, ele incide na fobia escolar. O ambiente patógeno resulta evidente nas tarefas escolares, os professores não tem tempo nem estão disponíveis para ajudá-los ou em alguns casos, nem são disso capazes, enquanto a escola tende a delegar a eles, cada vez mais a orientação acerca dos métodos de trabalho. As conseqüências são a perplexidade, o desespero e a ansiedade, tanto dos alunos como dos pais. A fobia escolar dos progenitores é paralela à dos seus filhos.

O pedagogo pode contribuir substancialmente para a gênese da fobia escolar. Para o aluno, o professor é, junto com os pais, principal ponto de referência. Por isso, ele identifica-se necessariamente com suas exigências e suas decisões: todo mestre recebe um poder do qual pode aproveitar-se no bom ou no mau sentido. A fobia escolar toma a forma específica de temor ao mestre quando este não é capaz de estabelecer um sólido e afetuoso relacionamento com seus discípulos, quando limita à escola e à sua matéria o sentido da vida, quando não demonstra compreensão alguma das peculiaridades de cada aluno e, principalmente, quando só sabe aparecer como mestre e nunca como companheiro, quando exige tudo de seus alunos e nada de si mesmo. Só o professor que está disposto a enfrentar continuamente a aventura da aprendizagem, e de ser submetido à avaliação dos seus alunos, será capaz de se colocar na posição de líder ou de liderado, livremente, sem medos, ansiedade ou insegurança e poderá dar vida ao ensino e libertar seus educandos do temor de aprender e da fobia escolar.

É importante não esquecer que a fobia escolar, também pode ser desencadeada pelos companheiros de classe. Freqüentemente, estes são tão perspicazes para descobrir pontos fracos, como para explorá-los. O caminho entre a casa e a escola, os intervalos entre as aulas e as horas livres são usados sem comiserção. O atribulado estudante que busca ajuda com o mestre ou com os pais será segregado do grupo. As reações agressivas e inadequadas, fruto do desespero, desencadeiam o círculo vicioso da vingança. O fracasso escolar agrava a situação: às gozações e ao desprezo dos colegas soma-se o veredito do mestre, e os conceitos de "integração social" ou de "mestre como tutor" esvaem-se como teorias irrealis, sem vigência na prática escolar. Aparecem as reações fóbicas: o aluno estigmatizado sente medo diante de seus companheiros, diante do professor e da escola. O temor pode ser tão generalizado e profundo que se transforma numa depressão e, em casos extremos, não raro tem como desfecho final o suicídio.

Creio que esses poucos exemplos bastem para demonstrar o caráter multifatorial e dinâmico do processo patológico da fobia escolar.

Como se vê, o diagnóstico não é fácil. O problema agrava-se pelo fato de que os escolares ansiosos têm dificuldade para verbalizar seus distúrbios psíquicos, de sorte que a sintomatologia somática não só pode encontrar-se em primeiro plano, como, às vezes, é a única manifestação da ansiedade (equivalentes ansiosos), o que por vezes impede o diagnóstico correto e induz a um tratamento meramente somático durante longo tempo.

A terapêutica da fobia escolar deve orientar-se pela sua forma particular e pelos fatores etiológicos; naturalmente, o tratamento há de ser pluridimensional. Entre os meios de que se dispõe, figuram a dispensa temporária de ir à escola ou de assistir a determinadas disciplinas, a separação por meio de cursos especiais na escola ou em aulas particulares a domicílio, a troca de classe, de escola ou de forma de escola, e a transferência para um semi-internato ou internato. Além dessas medidas orientadas para modificar o ambiente patogênico, torna-se necessário ajudar o aluno, como paciente, a superar sua atitude ansiosa. Para isso se dispõe, antes de tudo, de terapêuticas medicamentosas que podem interromper o ciclo vicioso, tranquilizar o paciente, aliviando seus sintomas somáticos concomitantes. Tampouco deve-se esquecer a utilidade da psicoterapia especializada.

Como a fobia escolar constitui um distúrbio ao mesmo tempo somático e emocional, é principalmente o clínico geral que primeiro com ela se defronta e pode tratá-la se "conhece o seu ofício e sabe dedicar o tempo necessário" (Cathala) (1). O clínico geral é facilmente acessível e muitas vezes tem já contato com a família do aluno, não raro desde o início da sua escolarização, duas vantagens de valor inestimável para a abordagem clínica e tratamento da fobia escolar, nas freqüentes situações de agravamento repentino. Ademais, a intervenção do médico da família é também mais oportuna se se tiver em conta que os de clínica especializada encontram-se normalmente sobrecarregados de casos complexos.

No entanto, sem a participação do mestre, são incompletos, para não dizer ineficazes, o diagnóstico e o tratamento da fobia escolar. A cooperação do mestre é imprescindível, devido à estreita relação diária com o escolar amedrontado. O mestre que tem boa intuição para o problema e recebeu uma formação adequada é capaz de proporcionar valiosos indícios diagnósticos e de atuar como co-terapeuta, insubstituível (seja pelo psicólogo escolar ou pelos progenitores), já pelo simples fato de ter um contato contínuo com o aluno. Sem a cooperação entre médico e professor (J. Meinhardt) e, o que é mais importante sem a integração teórico-prática da medicina e da pedagogia, por exemplo, a cargo de médicos-mestres que hajam recebido uma dupla preparação e que disponham de redobrada experiência, se possível com alguma vivência psicoterápica, o espectro da fobia escolar não será dissipado, apesar de todas as reformas escolares empreendidas até hoje. Em minha opinião, a tarefa mais urgente das autoridades escolares e educativas, é a de criar oportunidades de atuação nesse sentido. Se se pudesse criar uma escola sem ansiedades desnecessárias, poder-se-ia falar da reforma do século.

## Referências Bibliográficas

- 1 CATHALA, S. James. *Metodologia do ensino médico*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1979.
- 2 MEINHARDT, J. *Psicopatologia escolar*. 2. ed. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1981.
- 3 OESTREICH, P. *A Escola*. 3. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1980.
- 4 SCHELL, H. *Elementos de pedagogia*. Buenos Aires, El Ateneu Editores, 1981.